Ano 22.º | Terça-feira, 9 de Abril de 1929 | (AVENÇADO) | N.º 1.069

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. LUSITANIA
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO
Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

9 DE ABRIL

O' povo lusitano: neste dia. em que se comemora a hecatombe da Flandres onde milhares de irmãos nossos cairam varados pelas balas inimigas, regando com o seu sangue generoso a "Terra de Ninguem,,

SILENCIO!

Nove de Abril

O 9 de Abril não foi uma batalha decisiva na historia de uma campanha e muito menos a expressão de resultados definitivos na historia de uma guerra.

Então porque é ele tão celebrado pelos portugueses, que o consideram, atravez de tudo, uma data festiva, talvez pela rasão simples de que ele foi uma data gloriosa?

Sómente pelo motivo de que aquela tremenda batalha foi uma afirmação de principios!

Se o heroismo das tropas portuguesas, posto á prova, se afirmou gloriosamente, pode dizer-se que, não obstante a diversidade de opiniões ainda existentes, a alma nacional se fundiu, naquele dia supremo, na mesma expressão de patriotismo.

Ainda não estão esclarecidas as circunstancias em que participámos da guerra; ainda se não conhecem por completo os esforços sãos e honrados dos homens que presidiram e regularam a nossa entrada no vasto, quasi mundial, conflito; e ainda estamos longe de avaliar do verdadeiro significado das condições de ordem politica que nos determinaram a um acto grave e audacioso, mas decisivo, porque nem elas podem ser contadas ainda nos seus pormenores, nem certas camadas sociais que se intitulam dirigentes, tiveram ainda a sensibilidade mental suficiente para os prescrutar.

Mas é incontestavel já hoje para a consciencia nacional que, sem a nossa intervenção na guerra, bem mais dificil e precaria seria actualmente a nossa posição de pais ultramarino, que tem a gravitar na sua orbita os interesses bem conhecidos de umas poucas de colonias, esses outros tantos povos que se estão definitavamente lançando nas empresas de civilisação.

Ainda suspeitas enxovalham e afrontam aqueles que, aceitando a guerra como uma fatalidade, trataram de lhe amortecer o choque, extraindo todas as vantagens dos angustiosos sacrificios que, em qualquer caso, ela nos havia de custar.

Mas é de justiça dizer-se que a campanha de má vontade e—porque não empregar o termo?—de tôrva maledicencia contra os que aleivosamente foram capitulados de empresarios da guerra, se encontra tão atenuada, que ela já não preocupa ninguem de moral elevada. Mais tarde se fará justiça completa, a que certo pessimismo nacional não deixará, em todo o caso, de pôr reticencias... Mas antes isso, milhões de vezes, do que surgir ruidosamente a nossa justificação—essa clamorosa justificação que é a unica a falar alto, atravez de desgraças e ruinas, ao espirito dos povos impressionaveis...

E essa calma quasi geral é, sobretudo, consequencia do 9 de Abril. A esse grande dia nem só devemos os louros que cobriram a valentia dos nossos soldados. Devemos-lhe a primeira grande expressão da nossa concordia espiritual que, embora com dificuldade, já conciliou, em grande parte, os homens, sob o ponto de vista da nossa politica da guerra.

Lisboa, Abril de 1929.

Antonio José de Almeida

Mosteiro da Batalha onde se acha sepultado o *Soldado Desconhecido*, tendo a iluminar-lhe o tumulo permanentemente a *Chama da Patria*

NUM CACO DE GRANADA

Eu tinha dentro em mim a morte a sibilar!
Quando passei ligeiro e uma perna branda
Atravessei, candente, deixando-a a sangrar,
Senti o mesmo goso que—ó féra crua!—sentes
Quando cravas num cordeiro os teus agudos dentes
E o devoras, sangrento—a carne a palpitar!

E. R.

A "CHAMA DA PATRIA,,

Soberbo e artistico lampadario, que, alimentado a azeite, faz a admiração de quantos visitam o local que lhe destinaram. Foi executado em Coimbra por o primeiro sargento artifice Lourenço Chaves de Almeida, pertencendo o desenho ao conhecido arqueologo Antonio Augusto Gonçalves, da mesma cidade.

A epopeia

O 9 de Abril e o 11 de Novembro são a sintese de uma grande epopeia.

Datas memoraveis, que exprimem todo o esforço das almas portuguesas, na maior das guerras da Humanidade.

No 9 de Abril—uma prece de saudade!

No dia 11 de Novembro—um cantico de alegria!

Resêmos todos, nesses momentos benditos que passam, atravez os tempos, na Biblia dos Portugueses—*Os Lusiadas*; resêmos todos a Canção da Patria.

Pelos vales e alturas ecoará a balada da heroicidade—Aljubarrota! Buçaco! Africa! Flandres!

E' alem, no Mosteiro da Batalha, nesse santuario da Patria, sob as suas abobadas magestosas que simbolisam a independencia de Portugal, que está o tumulo do soldado que a historia chama *Desconhecido*, e que representa todo o esforço da Raça Portuguesa na Grande Guerra, batendo-se nas nossas terras daquem e de além mar, sob o ceu e sobre as aguas, pela causa da Liberdade.

Se o 9 de Abril não é o cantico de uma historia, muito menos é o éco de uma derrota.

Luta formidavel entre uma deminuta divisão portuguesa e forças consideraveis inimigas.

Nessa já lendaria retirada, se houve panico na retaguarda, que de heroicidade não houve nos combatentes da frente!

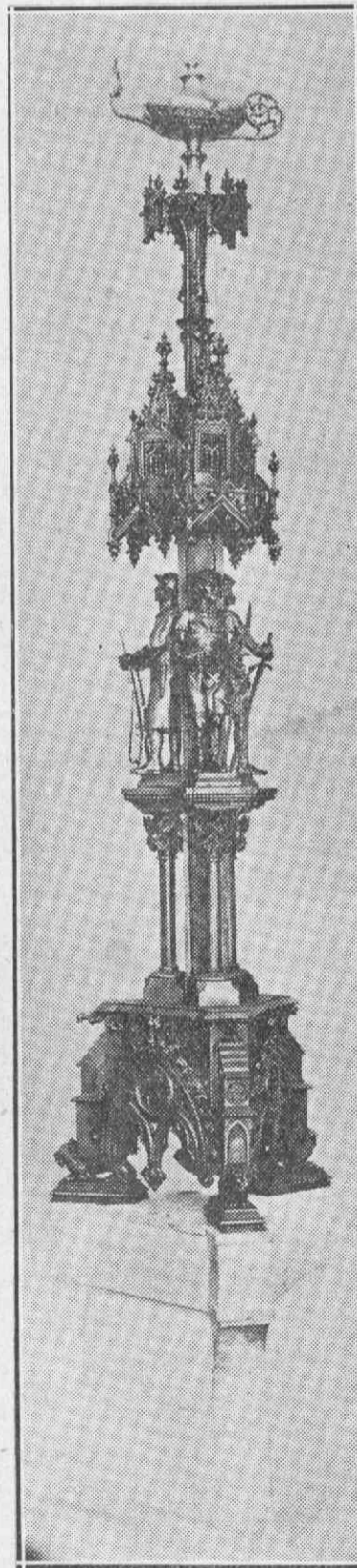
São os ingleses que dizem que *em Laconture os restos de um batalhão se bateu heroicamente.*

Combatentes da Grande Guerra, aqueles que tendes a consciencia da honra, do dever cumprido: não sois vós que nas cerimonias oficiais e atravez a neblina egoista do esquecimento e indiferença, lançais um assomo de piedade pelos que morreram; para vós, esses irmãos queridos, deixaram-vos, sim, uma saudade infinda, uma enorme solidariedade espiritual, pois sois vós ainda que socorreis as viuvas e orfãos dos companheiros, mas o que mais vos deixaram e que é o vosso orgulho, foi o exemplo do Dever, o respeito que aqueles cujo brilho sublime de almas bem portuguesas faz reviver os longiquos lampejos de epopeias passadas.

Os Homens que tombaram nos campos de batalha, não são Mortos—são os eternos Herois de Portugal.

A luz da Historia começa a espargir já, por Portugal inteiro, os sois fulgurantes da Verdade.

Aveiro, abril de 1929.

C. A. Costa Cabral
Major

Uma carta

Meu amôr:
Vão estas linhas
traçadas por outra mão,
mas vê se não te definhas
porque as palavras são minhas;
—só as letras é que não.
O peor é se te faço
chorar... O mais,—podes crêr!—
não foi nada:—Um estilhaço,
uma grande dôr num braço...
Deus o quiz... Tinha que ser!...
Basta de choro, portanto.
Quando virés minha Mãe,
nem, sequer, lhe digas quanto
te conto, pois, por enquanto,
p'ra bem dela e p'ra meu bem,
não pecisa de saber
que tenho' a menos... um braço.
O que lhe podes dizer
é que anceio por a ver;
que lhe mando um grande abraço.
e que trago a *Cruz de Guerra*,
brilhante, a fulgir no peito
que vos ama e vos encerra!...
O resto, em chegando á terra
saberá, porque o efeito
da triste realidade,
quando ela me vir ahi,
ha-de ser menor, porque ha-de,
dissipa-lo a felicidade,
de me vêr junto de si.
E agora, tu,—meu segundo
ser; pedacinho gentil
de mim mesmo, tu, meu mundo!—
vibra com o grito profundo
da Raça!...
Nove d'Abril
Amanheceu aos clarões,
—não do sol, que o não havia,
mas do fogo dos canhões...
Só os nossos corações
não tremiam nesse dia!...
O mais,—nem fazes ideia!
—Devastador, infernal!...
Tudo a metralha incendeia!...
—Já tombam na terra alheia
soldados de Portugal!
Perdem-se as vozes... No entanto
ha gestos d'entusiasmo!...
O fumo arraza de pranto
os meus olhos... Ah! mas quanto
consigo vêr, faz-me pasmo!...
Aqui, um bravo, lutando,
cheio de sangue, ferido;
alem outro, defrontando
o tiroteio nefando
a sorrir; outro, caido,

Major Cesar Amadeu Costa Cabral
Expedicionario á França

sem alento, mutilado,
grita:—*uma arma*! E já rouco,
o nosso alferes, irado,
pistola em punho, a meu lado.
brada, febril, como um louco:
*—Rapazes!—antes morrer
que recuar!... Para a frente!...*
E essa voz tem o poder
de se repetir, a arder,
nos labios de toda a gente!...
Não sei nem posso contar
o que depois se passou...
Coisa estupenda... Sem par!
Vi preces em cada olhar...
Ah! mas ninguem recuou!...
P'ra que faças uma ideia
calcula cem contra mil...
Rapazes da nossa aldeia
fiquei eu... E a terra cheia
dos nossos!... Nove d'Abril...
...Ámanhã, quando o arado
ressurgir, passada a guerra,
—que dará o chão, sagrado
p'lo nosso esforço, e regado
com sangue da nossa Terra?!..
Ai quem me dera já vêr-te,
meu doce bem, cara linda!..
Mas eu preciso escrever-te,
ou antes,—quero dizer-te
duas palavras ainda.
—Na carta que me mandaste,
em ar de riso p'las minhas
terem demora, traçaste
frases, que até sublinhaste,
ácerca das francesinhas...
Preguntas-me como são.
Se são bonitas, se feias,
se não teem coração
para os nossos... Conclusão:
—se me prendem as ideias...
Ciumenta!... Eu nem devia
responder te... Mas descança!...
Nem penses, sequer, que um dia
me prenda a estranha magia
da linda mulher de França!
Linda, sim Disse e repito.
—Mais do que lindas:—divinas!...
Se visses com que bendito
carinho e amôr infinito
tratam das nossas feridas,
tu então, tu, meu amôr,
—acharias merecidas
estas palavras sentidas,
falhas de todo o favor.
Entretanto, que o teu peito
socegue por uma vez...
Sim, são lindas com efeito,
mas noto-lhes um defeito:
—não falam o português!

Silva Tavares

Nove de Abril

Havia longos mezes que o colosso teutonico estacionava ali. E ninguem pode fazer ideia da sua furia cruel ante a resistencia épica do pigmeu lusitano.Ele saírado seu antro de aço com este principio *humanitario* na alma: ser epicamente deshumano! *A guerra... Devemos ser crueis ao maximo para que as nações rapidamente se submetam e a sua duração seja curta. A Humanidade sofrerá menos!* E como um vendaval de ferro candente entrou na Belgica, nessa nação pequenina que, durante alguns mezes, com o sangue dos seus atletas escreveu a pagina mais grandiosa da historia da humanidade. Mas ali, a nordeste e a passos poucos de Paris, a sua marcha avassaladora esbarrára de encontro á muralha viva dos aliados, que na sua alma tinham lavrado esta sentença—não passarás! E o

Major-medico José Maria Soares
Expedicionario á França e Africa
e Presidente da L. C. G. G.

gigante estacionava ali. Os seus formidaveis engenhos de guerra, tão secretamente construidos durante anos e anos de preparação para aquele espantoso crime—o mais espantoso crime que se tem praticado no mundo contra a civi'isação dos povos—esses admiraveis maquinismos de morte, cujos efeitos tremendos espalharam o pasmo, o horror entre as nações aliadas, não haviam conseguido fazer retroceder um passo aos *serranos*, em cujas veias circulava aquele sangue dos herois, quasi legendarios, que outr'ora conquistaram um mundo atravez de desconhecidos oceanos. E o barbaro do Norte, que muito bem compreendia a resistencia indomavel do exercito francez, cujos soldados se contavam por milhões, cego de raiva in lomita por aquela resistencia heroica da pequenina Belgica, que lhe transformára em mezes a jornada que ele planeara para algumas horas apenas, não pôde saber o porquê daquele obstaculo insuperavel naquela pequena porção da imensa linha de batalha chamada o sector portuguez.

Era necessario passar!

Não podia admitir-se a duvida, que já creara proselitos entre

Major Antonio de Morais Machado
Expedicionario á França
e Presidente Assembleia Geral da
L. C. G. G.

Coronel Raul de Andrade Peres
Expedicionario á França (Infantaria 24)

as nações amigas, da vitoria decisiva do militarismo alemão.

Era necessario passar!

E a ruptura dessa muralha de bronze, onde, havia tantos mezes o mais formidavel exercito, da mais poderosa das nações do mundo, inutilmente revolvia o solo e pulvrisava florestas seculares com a sua metralha potente, sem avançar um passo, a ruptura dessa muralha cuja resistencia é uma epopeia gloriosa em favor da civilisação, havia de dar se ali, em obediencia ao principio de ser cruel, e para que a pequenina nação lusitana, como a belga, sofresse sem o castigo de se meter no litigio dos grandes potentados.

O to de abril.

Os observadores portuguezes dão conta de insólitos movimentos no campo alemão. Prepara-

Comandante Rocha e Cunha
Capitão do porto de Aveiro a uma das figuras de maior relêvo da Marinha de Guerra Portuguêsa na pessoa de quem *O Democrata* sauda os heroicos combatentes do Mar, onde tanto se salientou

va-se qualquer coisa, mas não se sabia o quê. Soube se no dia seguinte Concentrava-se a mais poderosa artilharia, desguarnecendo-se, em segredo, os sectores visinhos, defronte do exercito portuguez. Engrossavam-se as roscas dessa espantosa serpente de aço, que permanecia defronte, e que outro sinal de vida não dava. Pelas 4 da tarde, e durante 25 minutos, a artilharia portuguesa despejou sobre o campo alemão a sua mortifera metralha. Só os infelizes prisioneiros do dia imediato souberam, por seu mal—por que no campo adverso os viram—os estragos formidaveis desse canhoneio certeiro, que, pena foi, durou só 25 minutos! O colosso tinha o seu plano formado: não ripostou com um tiro sequer ao estrago que sofreu. E a noite caiu caliginosa sobre os adversarios em presença. Doze horas depois, pelas 4 da manhã, começava a pavorosa tormenta que ninguem descreve.

Não ha luta de elementos, na terra ou sobre as vagas á qual se possa comparar aquele cataclismo. *Para pintar uma batalha*—disse Victor Hugo—*seria necessario um pintor que, com o pincel, soubessedesenhar o cáus!* E Victor Hugo morreu muitos anos antes de se construir a artilharia moderna. Para os soldados portugueses que combateram em França em 9 de Abril e que acreditam na futura scena biblica do juizo final, já nada de novo esperam ver nesse quadro tremendo reservado para o ultimo dia do mundo.

E nenhum deles, ninguem sabe descrever a espantosa tragedia. Aquele revolutear de furias desconjuntando, de momento a momento, a configuração daquele solo inceito onde tudo oscila, tre-

Tenente Antonio da Maia Mendonça
Expedicionario á França
e Tesoureiro da L. C. G. G.

me e se abate como se uma espantosa convulsão subterranea o estivesse agitando, aquele troar medonho de mil trovões...; aquela scena tremenda gelou as almas, antes de despedaçar os corpos aos infelizes que lá ficaram.

Para nós, testemunhas a distancia, no tempo e no espaço, da espantosa catastrofe, o 9 de Abril é um facho de luz divina que jámais se apagará da historia da humanidade, e, particularmente, da historia tantas vezes épica desta patria infeliz, sempre pronta a derramar o seu sangue quando a civilisação periclita, e sempre posta de lado pelas grandes potencias quando do nosso sangue não tem necessidade, tantas vezes ingratamente esquecidas de que somos uma nação e temos um nome na historia do mundo.

Para nós, o 9 de Abril marca a primeira derrota do czarismo alemão. O barbaro passou; mas ante aquela espantosa resistencia daqueles poucos soldados de uma pequena nação, teve a primeira hora de certeza de que o seu plano falhou; a dois passos da almejada capital do mundo, teve nesse dia a certeza de que não chegaria lá.

E não chegou a Paris!

Tent. coronel-medico Manuel Rodrigues da Cruz
Expedicionario á Africa

Vestem-se hoje de luto as viuvas e as mães dos filhos queridos desta patria de herois cujos corpos ficaram sepultados naquele tremedal do *Aisne*, ao mesmo tempo que, nesta primavera ridente se cobrirá de lirios brancos aquele terreno sagrado que o sangue portuguez empapou!

Rolarão primaveras nos seculos, passarão a sombras as mães e as viuvas dos herois e a sua memoria ficará. E quando já não houver lagrimas para os martires nem parentes que os lembrem, continuará a historia a memorar lhe os nomes e o bendito sólo da França a cobrir-lhes, na primavera, de lirios brancos, a sepultura incerta.

Portuguezes: silencio!—que a morte passa.

Herois: dormi!—que a gloria fica.

A. Roque Ferreira
Medico

Uma carta

Minha muito e sempre qu'rida:
Eu não sei bem o porquê;
Mas, a carta recebida,
Rasguei-a toda! E, tu, vê:
Era tão simples e bela
Que, no maço do bornal,
Não ha outra como ela
Nem que tanto á alma fale!

Mas tu perdôas-me, sim?
Quando vi que tu sofrias
Assim, por amor de mim,
E lentamente morrias
Como eu morro aqui na guerra,
Euervei-me tanto, tanto...
E, lembrando a nossa terra,
Abri meus olhos ao pranto.

Estive assim tantas horas!...
Com a cabeça inclinada,
Como quando tu namoras,
Tambem na dextra apoiada;
Os olhos, errando, loucos;
O coração a bater;
A vida fugindo aos poucos,
As pernas, sempre a tremer!...

E adormeci, tão cançado!...
E sonhei cousas d'amor,
Enlevos de namorado!..
Todo o campo era em flor,
O céu dum azul celeste;
Os beijos que me roubaste
Tão iguais aos que me déste
Quando vim e tu ficaste!...

Que sonho! Sós, nós corriamos
Como quando em crianças
Um ao outro os dois fugiamos...
Havia risos e danças
Dum grupo de lindas fadas;
Que larga roda formaram,
Todas elas de mãos dadas.
E, não sei como, levaram.

Naquela roda, contigo,
A minha vida tambem.
E sabes que não consigo,
—Nem o consegue ninguem—
Saber porque é que acordei
No segundo em que «morri»?
Seria porque sonhei
Sobre a carta que então li?

Major Mario Ribeiro de Menezes
Expedicionario á França

Foi! que tu já me falavas
Na volta, no enxoval,
E, muito triste, contavas,
Das noites de Portugal,
Quantas ainda teria
De, nesta lama, passar.
Mas, vê tu, oh! que alegria:
A guerra vai terminar!

E esta tambem termino.
Mas, tu, nota, antes de tudo,
Que eu *mando e determino:*
A minha mãe, sobre tudo,
Muitos abraços e beijos;
Para ti, o coração
Todo cheio de desejos,
Do dedicado *João.*

João Faria Afonso
2.º sarg. de eng.

Soldados do 24 de Infanteria nas trincheiras de Neuve-Chapelle

Major medico Francisco Cortez Pinto
Expedicionario á França

Não chores linda, morena,
De partir teu namorado!
Não chores, não tenhas pena...
Vai para a guerra—é soldado!

Cap. Luiz Amaro de Oliveira
Expedicionario á França

Olha a mãe, que o chora a rir,
Mãe, que é mãe, quanto lhe doi!...
Chora, porque o vê partir;
Ri, sonhando vê lo heroi.

Cap. Joaquim da Costa Rebocho
Expedicionario á França

Vai cumprir o seu dever,
Defender o seu torrão,
O logar que o viu nascer,
E onde deixa o coração.

Tent. João Lopes da Silva Figueiredo
Expedicionario á França

Paragens de ruina! Terras de destruição! Calvarios de Neuve-Chapelle! Durante meses consecutivos de sublime sacrificio, neste palco amassado em sangue e lagrimas, onde se desenrolaram as lutas mais tragicas e os dramas mais fantasticos, os filhos de Portugal escreveram com o seu sangue a frase gloriosa—*Não se passa!*

Entre outros soldados da minha Patria vós, infantes do 24, fostes os que mais sofreram!

Noites intensissimas sem dormir, com o coração aos saltos, dentro da lama, a olhar o incognito, a ouvir o gargalhar da morte que passava ameaçadora e tragica no macabro uivar dos morteiros, no sinistro crepitar das metralhadoras e no ruido infernal da artilharia.

Muitos deles dormem o seu sono eterno; cairam evocando o sol de Portugal; soltaram o ultimo gemido numa ultima convulsão de força, numa derradeira expressão de energia por Ele, pela sua Vida, pela sua Gloria!...

O Cristo mutilado de Neuve Chapelle, que se levantava augusto no meio do cáos; que se erguia, dominando tudo com o seu olhar de indizivel dôr, face ao infinito, com olhar fito nos ceus ferido, espesinhado pela corôa simbolica do suplicio; no seu ar de agonia, de amor e de bondade, com certeza que recebeu nos seus braços de Pai eterno os filhos de Portugal ao vêr o denodo com que eles se sustentaram nas refregas horriveis, a

Cap. Antonio Ernesto de Almeida
Expedicionario á França

maneira orgulhosa, altiva, aureolada de gloria como eles cairam nos combates inenarraveis e nas lutas cruentas sem igual na Historia.

Titanicas resistencias das manhãs de *raid*, resignações estoicas nos bombardeamentos infernais, desespero leonino e raiva vingadora nos *corp-á-corps* formidaveis e sangrentos, tudo isso nos tornou dignos do reconhecimento de Portugal e da admiração do mundo inteiro.

Horas resplandecentes de sacrificio, reacções cheias de um epicismo heroico, noites cruentas plenas de traição e de infernal misterio, tudo isso fez criar em torno das nossas frontes de martires a corôa dos eleitos da Patria e dos Imortais!

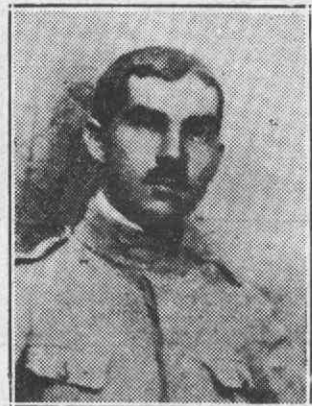
Agora é a madrugada tragica do 20 de Julho de 1917 em que o primeiro prisioneiro alemão cai em nosso poder!

Depois os *raids*, formidaveis de 14 de setembro do mesmo ano, em

Major Joaquim A. Geraldes
Expedicionario á França

General José Domingues Peres
Expedicionario á França

Coronel José Pinto Queimada
Expedicionario á França
(Falecido)

1917 — 1919

Alf. José A. da Costa Abrunhosa
Expedicionario á França

que ondas de canibais, ébrias de sangue e ódio, hediondas de brutalidade e força, numa barbaridade indizivel batem de encontro aos soldados épicos de heroismo da minha unidade, os quais numa resistencia titanica e temeraria os fizeram recuar, bramindo... e as ondas raivosas lá foram procurar pontos mais fracos por onde pudessem satisfazer as suas ambições de conquista.

E o *raid* tentado pelos soldados do meu heroico batalhão em que deram provas duma bravura incomparavel e duma coragem inaudita?!...

Foi nas célebres crateras de Mauquissant, cheias dum lodo pegajoso, esbranquiçado e nojento. Foi na frente desse terreno revolvido duma maneira assombrosa, horrivel e pavorosa, donde se exalava um cheiro pestilento, abominavel e nauseabundo que os nossos infantes do 24 tentaram o golpe de mão sobre o boche poderoso!

Atravez da noite invernosa, baioneta em riste, com os coletes cheios de granadas, bravos e temerosos romperam o nosso arame e seguiram para a cruzada da Morte!

Porêm, ao tentarem abrir caminho atravez da *rede*, digo, dessa rede de fio de ferro alemão, que, como serpentes eriçadas de espinhos se enroscava em torno das pernas daqueles bravos, uma nuvem de granadas inimigas caiu sobre eles, obrigando os a retroceder! O inimigo já esperava aquele punhado de valentes que, na sombra, foram apunhalados!

Cap Antonio Nunes de Queiroz
Expedicionario á França

Um deles lá ficou no arame inimigo com o corpo esfacelado, com os dedos crispados numa ultima convulsão de desafio!

E para coroar o seu calvario vem depois a sangrenta semana de março em que, debaixo de chuvas de granadas envenenadas pelos gazes mortiferos, iam pelas e tradas, onde a morte e a destruição imperaram, ocupar a Vilage Line, desabrigada e sem condições de defeza!

Honra a vós, mortos da Grande Guerra!

Bendito sejais, vós, que morreste triunfando!

Mortos! Santos Martires! Com fervor ajoelhamos perante a vossa Obra!

Herois da grande cruzada da Morte, perante o vosso valor nos descobrimos!

Para vós vai o reconhecimento de Portugal!

Humberto d'Almeida
Alferes de infanteria

Tent. medico João Carlos Vaz da Cunha
Expedicionario á França

Has-de rir de o vêr voltar
Como andorinha ao beiral,
Quando, alegre, te abraçar
No seu lindo Portugal!

Cap. Joaquim Gonçalves dos Reis
Expedicionario á França

Vai p'r'a guerra, vai p'r'a guerra,
Destemido sem igual;
Vai p'r'a guerra, vai p'r'a guerra,
Defender seu Portugal!

Cap. Antonio Pedro de Carvalho
Expedicionario á França

Bandeira da minha Terra
Que em toda a alma se traz!
Sant'Elmo na Grande-Guerra...
E sol fecundo na Paz!...

Aspirante José Ribeiro dos Santos
Expedicionario á França

Aveirenses: concorrei para o monumento aos mortos da Guerra! Saldai essa divida de gratidão para com os sacrificados, erguendo em sua honra uma memoria que condignamente os glorifique!

A Cavalaria da guarnição na Grande Guerra

Ao sul de Angola

Vai o *Democrata* dedicar as suas paginas á comemoração do 9 de Abril e nelas prestar homenagem á guarnição militar de Aveiro que tomou parte na Grande Guerra.

Aproveitando a oportunidade seja-me permitido que relembre, embora resumidamente, a acção dos soldados portugueses na Africa, ao sul de Angola, entre os quais a de aqueles que a meu lado dignificaram a Patria, filhos de Aveiro e do seu distrito, como o major Cunha e Costa, Eduardo Meireles, que lá ficou sepultado no sertão, Joaquim Antonio Vieira, Ivo dos Santos e tantos outros que o espaço não permite enumerar.

O 3.º batalhão de infanteria 18 partiu a 18 de janeiro de 1915 de Campanhã, tendo, á sua passagem em Aveiro, sido alvo de uma entusiastica manifestação patriotica e desembarcou em Mossamedes, onde se encontravam já concentrados uns 12.000 homens, a 9 de março.

A 7 de abril chegou o saudoso general Pereira d'Eça, que assume o comando das forças, para a 25 seguirem estas destino do Cuamato e do Cuanhama, iniciando-se assim as operações. Foram elas penosas e duradouras, prolongando-se um rôr de mezes antes de chegarem ao seu termo.

Só quem andou e percorreu essas terras que o sol abrasa, tornando-se perigosas para os europeus, é que póde depôr, dizer das inclemencias que por lá se passaram, das doenças que se adquiriram, do sacrificio, enfim, que constituiu a entrada de Portugal na guerra.

Mas fiquemos por aqui visto levar-nos muito longe uma narrativa, mesmo aproximada que fosse, da passagem das nossas tropas atravez de Africa.

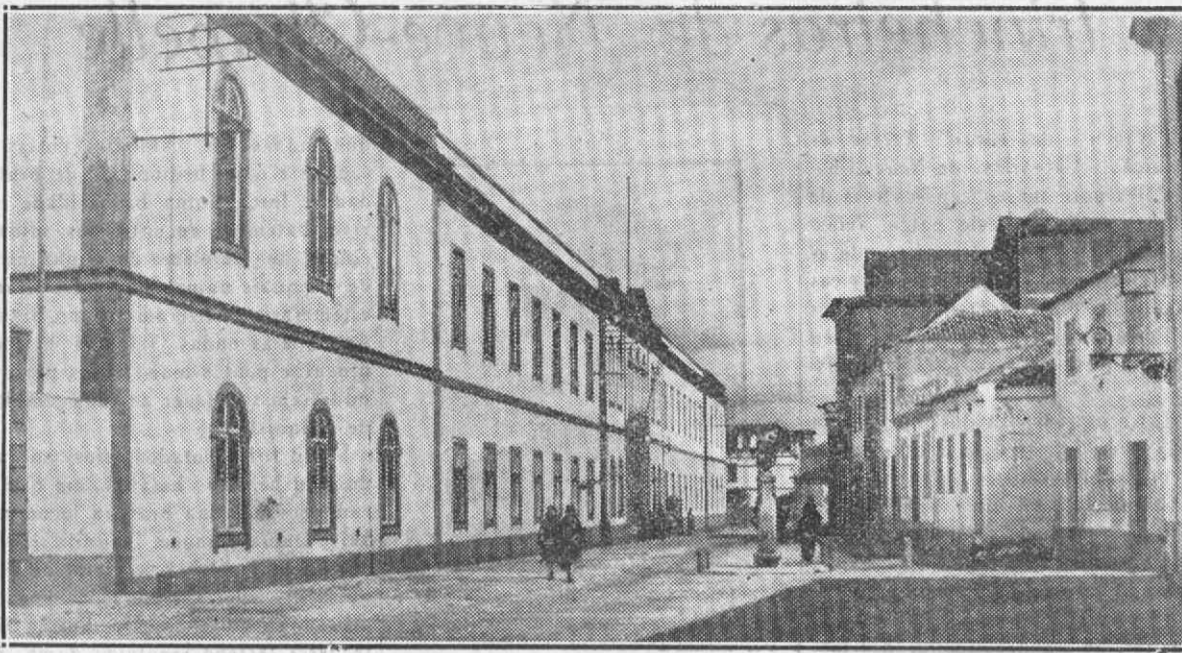
Colunas e colunas se encheriam só com a parte importante que nas operações efectuadas a cavalaria desempenhou em conjunto com a infantaria. Porêm, como isso nos seja vedado por o motivo de não dispôr este jornal do espaço suficiente, seja me, ao menos, permitido transcrever a parte da ordem que louvou o esforço dos combatentes pela bravura e dedicação com que agiram, a qual diz textualmente:

. . . .

«que seja louvado o destacamento do Cuamato porque depois de ter cumprido a missão de que fôra incumbido e tendo conhecimento que o destacamento do Cuanhama se encontrava com as comunicações cortadas, não podendo ser reabastecido, realisou uma marcha brilhante e das mais distintas na historia das campanhas coloniais para apoiar este destacamento, o que deu das tropas a mais completa disciplina, uma inexcedivel resistencia á fadiga e uma nitida compreensão do seu dever.

S. Ex.ª o general, agradece a todos os oficiais, sargentos e praças do destacamento do Cuamato, a prova que deram do seu valor como militares e significa lhe por este modo a grande honra que tem em comandar soldados verdadeiramente portugueses.

Alfredo C. de Brito
Tenente

O DEMOCRATA, para justificar o seu titulo, publicará, se isso lhe fôr possivel, no dia 11 de Novembro, aniversario do Armisticio, outro numero especial em que será mais homenageada a classe dos sargentos que, pertencendo á guarnição de Aveiro e Ovar, tomou parte na maior guerra de todos os tempos.

Aveiro—Quartel de Cavalaria 8, um dos maiores da provincia

Major Antonio da Cunha e Costa
Expedicionario á França

Cap. Jorge Alcide dos Santos Pedreira
Expedicionario á França

Cap. vet. José Pinto Portugal
Expedicionario á França e Africa

Tent. do E. A. S. A. Artur Gonçalves
Expedicionario á Africa e á França

Cap. Eduardo de Albuquerque
Expedicionario á França

Tent. Augusto L. Neves Marçal
Expedicionario á França

Tent. Fernando P. Charula de Melo
Expedicionario á França

Tent. pic. Henrique Neves da Costa
Expedicionario á França

Aos nossos mortos na Grande Guerra

1914—1918

Francisco Joaquim, natural de Alte, Loulé, soldado n.º 440 do 3.º esquadrão, faleceu em La Gorgue, França em 19-11-1927.

Manuel Tavares Jorge, natural de Rôge, Macieira de Cambra, soldado n.º 326 do 1.º esquadrão. Faleceu, de regresso do *C. E. P.* em França, no Hospital Militar de Belem, em 1-6-1918.

Francisco Bernardo, natural de Ançã, Cantanhede, soldado n.º 287 do 2.º esquadrão. Faleceu em Brich'on, Inglaterra, em 11-7-1918.

Antonio Baptista, natural de Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova, 2.º cabo n.º 167 do 3.º esquadrão. Faleceu em Mussuril, Africa Oriental, em 17-12-1918.

(Da lapide que se encontra á entrada do Quartel de Cavalaria 8, em Aveiro)

A Marcha da Osga

. . . .

A noite cai. Sôbre a floresta que ladeia a estrada cai, com a noite, um sinistro silencio, donde parece espreitar-nos, a cada canto, em cada novêlo de sombra, o cano traiçoeiro duma espingarda.

Nunca senti, como hoje, o frio mortal da noite, o pavor das sombras, o vácuo lúgubre da solidão.

Em parte, a minha depressão moral provêm do meu mal de entranhas! Não ha plétora moral que vingue dentro dum intestino variado.

Mas é que não se me varre tambem dos olhos e do sentido, o espectaculo que se me deparou, ha meia hora, em plena floresta —o cadaver de um sargento alemão, abandonado, insepulto, no mato, já pôdre, negro de gangrena, a desfazer-se em pús e humores que escorriam, já sêcos, pelos buracos das balas que o feriram.

Estava de costas, todo torcido, crispado, no mais diabolico rictus de agonia de que é capaz o *faciés* humano.

Irrepreensivelmente uniformisado, á boa maneira prussiana, em optimo «caki», todo entalado ainda em couros novos de equipamento, tinha as divisas de sargento, e, ao lado, um par de luvas e uma mascara em tecido de malha negra, sem duvida para usar durante os combates e assim, com mãos e faces negras, mais facilmente se confundir com a matula dos seus *askaris*.

Cúmulo de manha, cautela e perfídia!

. . . .

Ora este sargento *boche*, ferido em combate (com quem?!) ha dois ou tres dias, até aqui se teria arrastado, com duas balas no corpo, na ânsia desesperada de chegar com vida a Newala.

As forças, porêm, abandonaram-no. Os *askaris* que o amparavam, ao vê-lo tombar, abandonaram-no tambem.

E aqui ficou este misero, torcido em dôres, abandonado na solidão pavorosa, agonisando horas e horas, enquanto a floresta pela voz profunda e longuinqua das suas mil ramarias, lhe resava o *Requiem* ou o *Dies irae* e ao longe, a hiena trotava, uivando, com sórdida fuça franzida a farejar aromas de carne morta.

Que dilacerante, indizível tragedia a desta agonia!... E' talvez a sorte que me espera, que espera cada um de nós que aqui tombar duma bala, nestes campos de honra.

Ai daquele que não tiver a dita de caír fulminado, redondamente, por uma bala certeira!

. . . .

E era isso o que eu pedia fervorosamente, nas minhas orações, a Nossa Senhora, minha madrinha, se porventura ainda soubesse rezar!...

Carlos Selvagem

(Do livro *Tropa d'Africa*)

O DEMOCRATA, tambem não esquecerá no momento proprio a homenagem devida aos obscuros, mas intrepidos navegadores pertencentes á marinha mercante e de que o proximo concelho de Ilhavo é torrão natal. Foram eles poderosos auxiliares da nossa marinha de guerra e por isso não devem ser olvidados.

Combatentes de Africa

A acção do 3.º Batalhão de Infanteria 24 em Moçambique

Deviamos dizer, com mais propriedade, as acções do 3.º B. porque ele trabalhou sempre por fracções, chegando mesmo a regressar á metrópole completamente desmantelado.

O seu embarque para a provincia de Moçambique efectuou se a 28 de maio de 1916 com o efectivo total de 1005 homens, desembarcando na baía do Tungue, no extremo norte da provincia, em 5 de Julho.

Pouco depois começou o fraccionamento pela partida da 12.ª companhia em 14 para Kionga em serviço de guarnição.

Em 27 foi substitui-la a 11.ª companhia, tendo aquela avançado para Namoto, posto fronteiriço ao inimigo na margem direita do Rovuma. No dia 15 de agosto tivemos o desgosto da primeira morte em combate. O soldado n.º 115/12.ª, Manuel Ferreira da Silva, natural de Esmoriz, concelho de Ovar, foi atravessado por uma baionetada de um *askari* (*a*) alemão durante o ataque feito a um comboio de vivers protegido por uma escolta da 12.ª companhia.

Em 17 a 10.ª companhia seguiu para Kionga a fim de substituir a 11.ª, que nesse dia já havia avançado para Namoto.

Finalmente, em 17 de setembro a 9.ª companhia foi juntar se em Namoto ás outras, aguardando aí o momento do avanço para territorio alemão separado do nosso pelo Rovuma, que se podia atravessar facilmente nessa época do ano. E na manhã de 19 de setembro todo o batalhão atravessou o rio em jangadas e botes, sem que houvesse o mais ligeiro sinal do inimigo.

Logo no principio do mez de outubro foi nomeada uma coluna mixta para se internar em territorio alemão com o objetivo Massassi, sob o comando do major José Pires, então comandante do batalhão e hoje falecido, que foi acompanhado pelos tenentes Manuel de Almeida Oliveira, Manuel Rodrigues Leite, Agostinho Coelho Peixoto da Costa, alferes Luiz Henriques Cordeiro, 2.ºs sargentos Abel Ferreira da Encarnação Junior, João de Oliveira, João da Costa Santos, Manuel Teixeira de Castro, Antonio Godinho Marques, Manuel Rodrigues Vieira, Manuel Estudante, Luiz de Moura Brandão, Manuel Vieira Seabra de Moura, Alvaro Bento da Silva, José Maria Valente da Fonseca e Afonso Araujo de Oliveira Cardoso, 3 primeiros cabos e 29 soldados.

A 10 deste mez o grosso do batalhão abandonou a posição na margem alemã e regressou ao ponto de desembarque, fixando se no planalto de Palma como um deposito de pessoal para as necessidades dos muitos postos espalhados pela região da luta.

Em 26 entrou a coluna de Massassi no forte de Newala, depois de bombardeada por uma peça alemã que o inimigo levou na retirada.

Na madrugada de 8 de novembro a coluna continuou o seu avanço sobre Massassi, indo já sob o comando do major de artilharia Leopoldo da Silva, por ter sido exonerado o major Pires. Foi, porem, obrigada a travar combate com o inimigo na povoação de Kivambo, do qual resultou a morte do comandante e o ferimento do ajudante, alferes Monteiro Leite.

Salientaram-se neste combate os 2.ºs sargentos do batalhão José Maria Valente da Fonseca, Alvaro Bento da Silva e o 1.º cabo Manuel Rezende.

O 2.º sargento Alvaro Bento da Silva salvou, com risco da vida, o alferes Monteiro Leite, indo busca-lo á frente da linha de fogo e conduzindo-o para a retaguarda, pelo que foi louvado na ordem de serviço da expedição.

Neste mesmo dia 8 os alemães atacaram o posto de Mahuta, de cuja guarnição faziam parte o 2.º sargento Manuel Teixeira de Castro e o 1.º cabo Julio Pereira, sendo aqueles repelidos com 2 europeus e *15 askaris* mortos. O sargento Castro e o cabo Julio Pereira foram louvados *pelos bons ti-*

(*a*) *askari*—soldado indigena.

Tent. Acacio Teixeira Lopes

ros executados, serenidade e sangue frio com que se portaram.

Ainda neste dia houve um tristissimo acontecimento, que enlutou a familia militar do batalhão. Foi a traiçoeira morte do 2.º sargento Afonso Araujo de Oliveira Cardoso, natural de Ovar, atingido por uma descarga do inimigo emboscado no mato quando regressáva de Newala por motivo de doença.

Tent José de Oliveira Pinho

Grupo dos oficiais que fizeram parte do batalhão de Ovar (postos actuais)—Coronel José Pires (falecido), tenente coronel Antonio Pereira de Azevedo (falecido), major Zeferino Camossa, major B. de Sousa Lopes, tenente coronel medico Manuel Rodrigues da Cruz, cap. Manuel Rodrigues Leite, cap. Duilio da Silva Marques, cap Alvaro Leite Antunes, cap. Henrique Gomes da Silva, cap. Agostinho Peixoto da Costa, cap. J. Barros Carvalhais, cap. Luiz Henriques Cordeiro, cap. medico João F. da S. Couto Nobre, cap. J. Reis Lizarc, cap. da A. M. Alfredo F. de Azevedo Lobo, cap José Antunes Prazeres, tent. Manuel de Almeida Oliveira e cap. Antonio Gomes Ferreira, faltando dois nomes que não conseguimos saber.

Em 25 de novembro marcharam para o posto de Naugadi os capitães Antonio Benedito Pereira de Azevedo, Bernardino de Sena Lopes, o tenente João Teixeira de Barros Carvalhais, o segundo sargento José Rodrigues de Pinho e 2 primeiros cabos.

O capitão Pereira de Azevedo, militar valente e um distinto colonial e hoje desaparecido do numero dos vivos, infelizmente, ia encarregado de organisar uma coluna de socorro ás forças, que estavam cercadas em Newala depois do desastroso combate de Kiwambo, o que efectivamente conseguiu.

Na madrugada de 28 essa reduzida coluna de socorro lá seguiu na sua árdua missão, mas já nas proximidades de Newala travou combate de encontro com as forças inimigas, não podendo forçar a passagem, pelo que teve de retroceder.

Nesta acção portaram se brilhantemente os oficiais, sargentos e mais praças do batalhão, tendo ficado ferido numa perna o tenente Barros Carvalhais.

Tambem tomaram parte nela, alem dos militares que acompanhavam o capitão Benedito de Azevedo, os segundos sargentos Manuel Teixeira de Castro, José Maria Valente da Fonseca e primeiros cabos Manuel Rezende e Francisco da Silva.

Cap Gaspar Inacio Ferreira

O segundo sargento José Maria Valente da Fonseca e o primeiro cabo Manuel Rezende foram louvados em ordem de serviço da expedição *pela dedicação e valor demonstrados durante os combates de 22 a 28 de novembro* e condecorados com a Cruz de Guerra de 3.ª classe.

Em 1 de dezembro as forças cercadas em Newala viram-se forçadas a romper o cerco pelo escuro da noite para fugirem ao horror da sede e da fome, realisando uma angustiosa retirada, que foi a pagina mais triste da historia da expedição. O pessoal do batalhão que tinha ficado em Newala seguiu os acasos da sorte das armas nessa triste odisseia.

Tent. Julio Antonio da Trindade

Em 5 de dezembro marchou para Naugadi o alferes-ajudante Duilio da Silva Marques com uma força composta do segundo sargento José Correia, 2 primeiros cabos e 38 soldados afim de fazer uma oposição desesperada a qualquer tentativa de invasão dos alemães. Mais uma vez tiveram os nossos homens ocasião de mostrar as suas qualidades de intrepidez no perigo e resistencia ás dificuldades da guerra. Tendo aquela força corrido ao posto de Matchumba em socorro da guarnição, foi atacada por patrulhas alemãs pelas 18 horas e portanto já de noite, vendo se obrigada a retirar atravez do mato.

Cap. Manuel Figueiredo de Oliveira

Foi uma odisseia penosa essa marcha noturna na floresta densa, sem guias, dirigindo-se ao acaso para o litoral onde chegou atingindo a povoação de Mocimboa da Praia, a 80 quilometros do planalto de Palma, que mais tarde foi nova base de operações da expedição.

O tenente Manuel de Almeida Oliveira, um dos oficiais que desempenharam relevantes serviços na retirada, agregou-se a esta força seguindo-a na dolorosa marcha até Mocimboa. Durante ela desapareceu o soldado 430/9.ª companhia Manuel Soares, que mais tarde se soube ter sido aprisionado pelos alemães e ter morrido em 11 de maio de 1917 quando ia ser entregue aos ingleses ao N. do rio Rufigi, já em territorio alemão.

* * *

Entrámos em 1917, e daqui em diante a historia do batalhão é a de muitos servidores anonimos.

Passou-se o ano de 1917 a reforçar postos de um extremo a outro da nossa linha de vigilancia e nas linhas de reabastecimento.

Reforços para aqui, destacamentos para acolá, um constante movimentar de tropas enquanto o permitiu a saude dos homens abalada pela acção da malaria, tal foi o movimento de todo este ano de vida colonial.

Desde Kionga, no extremo N. da provincia e junto ao oceano Indico, até Nanguar, a centenas de quilometros para o interior, quantos postos isolados não conheceram os nossos homens tão resistentes aos perigos oferecidos por aquelas terras onde a cada canto se esconde a doença, inimigo muito mais de temer do que o mais feroz adversario!

Namoto, Nachinamoca, Kivembe, Madas, Pundanhar, Matchemba, Naugadi, Mocimboa do Rovuma, Ukula, Lugua, Fort puez, Muirite, são outras tantas passagens desse calvario da campanha africana trilhadas pelos homens do nosso batalhão, que sofreram as privações da guerra colonial com o estoicismo de valentes e leais servidores da Patria!

* * *

Em 10 de janeiro de 1918 ainda destacaram para o Ibo o 1.º cabo Marcos Godinho Mota e 20 soldados, que apesar dos 18 mezes de colonias ainda encontraram na sua alma de portugueses a energia bastante para mover os corpos alquebrados pelo clima. Até que, finalmente, em 23 de abril de 1918 embarcou um nucleo do batalhão com destino á Metropole, a força de um 2.º sargento, 4 primeiros cabos, um corneteiro e 38 soldados, desembarcando em Lisboa em 3 de junho sob o comando do então já tenente Duilio da Silva Marques. No entretanto ficaram ainda em Africa muitos oficiais, sargentos e soldados no desempenho de missões de que ainda não estavam desobrigados na ocasião do regresso daqueles. Neste numero estavam os bravos soldados, que vimos marchar para o Ibo onde foram fazer parte das forças de defeza da localidade. Eles regressaram á Metropole quando houve ocasião oportuna, e ainda depois foram sacrificados porque, no seu regresso a quando da formidavel hecatombe da epidemia da pneumonica, foram vitimados pela terrivel molestia. E a grande massa do batalhão, a maioria desse aglomerado de vidas que entraram a rir naquele barco *Portugal*, navio com o nome da sua terra e que para outra terra prolongamento da Patria os levara—oh!—essa jazia nos hospitais da provincia de Moçambique ou curtia febres no remanso das suas aldeias.

Ao terminar esta historia do batalhão tão veridica e completa quanto possivel, não se devem esquecer aqueles que selaram com o seu sangue o compromisso do dever tomado ao pisarem o solo africano. Não deve ficar no esquecimento o seu sacrificio. Foram 74 vidas imoladas no altar dos sacrificios da nação, e por isso a sua morte deve ficar para as gerações futuras como uma bela lição do dever, como um belo padrão de sacrificio de filhos amantes da Patria.

Para esses queridos companheiros mortos no territorio africano vão as mais sentidas lembranças, vibração amarga daquela saudade com que acompanhamos alguem á ultima jazida!

J. O Pinho
Tenente

Este numero foi visado pela Comissão de Censura.

Cap Alberto Teixeira de Faria
Expedicionario á França

Tent. chefe de musica Manuel Lourenço da Cunha
Expedicionario á França

Tent. Joaquim C. S. Palha de Almeida
Expedicionario á França

Aspirante Manuel J. Domingues Pires
Expedicionario á França

Pimeiro morto

— —

Olhei a sua face... Era ao sol-pôsto..
Adormecera em derradeiro sono...
E tão novito, que tristeza!... O rosto
Tinha a côr da folhagem no outono..

Tombára como herói.. Um estilhaço
Rompera a chaga do seu peito forte...
Tinha os braços cruzados, num abraço
Em que estreitasse, á despedida, a Morte!...

Ficaria p'ra sempre em terra estranha!...
E o olhar revelava a dor tamanha
De não sentir, a acalen'á-lo, alguem!...

Olhei-o ainda uma vez... Morrera o dia!...
—Os seus labios, num ritus de agonia,
Pareciam gemer: Ó minha Mãe!...

(Do livro «Nevoa da Flandres», de Alfredo Barata da Rocha.)

Um dever

Aveiro prepara-se para o cumprimento de um dever qual seja o o de perpetuar na praça publica a memoria dos que morreram longe da Patria e da familia, honrando a sua farda de militares.

Homenagem merecida, o *Democrata* dar-lhe-ha todo o apoio por a considerar, entre todas a mais significativa.

A eles

Todos os sacrificados devem ter jus ao respeito de um povo. Por isso esta cidade e seu concelho não podem deixar de concorrer para o monumento que, inspirada nesse sacrificio, vai ser levantado aos que caíram durante a luta travada na França e na Africa, fazendo parte dos exercitos aliados.

Cap. João Pereira Tavares
Expedicionario á França

Alferes Francisco de Souza
Expedicionario á França

Tent. Vitorino P. Tavares
Expedicionario á França

Sargento ajudante sub chefe de musica, João Antonio Salgado
Expedicionario á França. Secretario da Direcção da L. C. G. G.

O primeiro morto da Infanteria portuguesa

No arquivo do 1.º Batalhão de Infanteria n.º 28 encontra-se o seguinte documento que transcrevemos:

C. E. P.

Serviço de estatistica

1.º D.--1º. B. I.--4.º Bat. (Inf. 28)

«Placa de identidade n.º A – 2729 – Boletim individual de Antonio Gonçalves Curado, soldado n.º 234, da 4.ª companhia, filho de José Gomes Curado e de Maria Clara, natural de Barquinha, Santarem. O parente vivo mais proximo é sua mãe, residente em Carvalhais de Lavos, Figueira da Foz. Embarcou para França em 22 de Fevereiro de 1917. Faleceu na 1.ª linha em 4 de Abril de 1917 por ferimentos recebidos em combate, ficando sepultado no cemiterio inglês de Laventie.»

Na rigidez das informações que ficam exaradas neste boletim perde-se o principal motivo que me levou a transcrevê-lo.

E' que, no cemiterio de Lavantie, numa sepultura do acaso, longe da Patria que o viu partir cheio de fé, vibrante de entusiasmo, afastado da familia que, não podendo habituar-se á ideia de o haver perdido vive eternamente na esperança de o tornar a vêr, longe do torrão natal onde a noiva amantissima chora, ainda hoje, as suas penas de martirio, lá longe enfim, onde o sol é outro e a terra estranha, jaz para sempre sepultado, o brioso-soldado do 28, que foi em vida Antonio Gonçalves Curado, n.º 234 da 4.ª companhia, e que, tendo caido gloriosamente em combate, foi o primeiro soldado do *C. E. P.* que morreu no campo de batalha da Flandres, na luta por um ideal que, talvez, nunca tivesse compreendido, mas nem isso foi preciso para que o soubesse defender com as armas na mão, no sagrado cumprimento do Devêr.

E, porque foi o primeiro, foi ele, por assim dizer, quem ensinou o caminho da Honra a tantos outros que, depois, lhe seguiram o exemplo.

* * *

Era de infanteria este soldado!

Gravar no *Livro de Oiro* da nosssa arma o nome humilde deste homem é um dever que me pertence como comandante que fui desse bravo; é dignificar a arma de infanteria a que me honro de pertencer e é ao mesmo tempo, abrir uma pagina neste Livro em que ao sol esplendoroso da Vitória se vê desfilar o Batalhão do 28, marcando-lhe o logar a que tem direito nessa marcha triunfal dos Aliados que cimentou a civilisação do mundo inteiro nas bases da Liberdade e do Direito.

Luiz do Nascimento Dias
Major de infanteria

Capitão Mario Mourão Gamelas
Expedicionario á França
(Falecido)

Major Francisco Maria Soares
Expedicionario á França
(Falecido)

Capitão Artur da Silva Veiga
Expedicionario á França
(Falecido)

Saudades

— —

Sabes o que é viver atribulado
Por uma dôr atroz que o amor nos dita?
Sabes o que é sofrer distanciado
Do lar paterno, ó Patria bemdita?

Olha: E' ser-se orfão, tendo mãe no mundo;
E' sonhar victorias num descalabro imenso;
E' lutar no abismo mais profundo,
Pela noite amarga dum sofrer intenso.

E' errar nas trevas c'o inimigo á vista.
C'o peito f'rido por imensa dor;
E' ir no encalço duma falsa pista,

E, de surpreza, apareça o lutador
P'ra que a dôr e a alegria seja vista,
Gozo sofrendo pelo teu amor.

Nota—Este soneto foi recitado pelo autor no Teatro, em Ambleteuse, na vespera de ir á junta que o ia dar, como deu, por maluco.

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES DO 9 DE ABRIL

A's 9 horas missa resada na igreja do Carmo seguida de um cortejo de romagem aos cemiterios da cidade para homenagear os combatentes da Grande Guerra que neles dormem o sono eterno, devendo no Ocidental serem iniciados os trabalhos para a construção de um mausoleu destinado a receber os seus restos mortais, em terreno oferecido pela Camara Municipal. Nesta manifestação toma parte não só a guarnição militar da cidade, mas tambem os representantes de todas as agremiações locais, funcionalismo publico, academia, escolas, bombeiros e aviação, que durante a cerimonia lançará flôres sobre o campo sagrado onde se realisa.

A's 14 horas, inauguração, no atrio do liceu, de uma lapide de homenagem á memoria dos antigos alunos que, como soldados, honraram a Patria, servindo-a dedicadamente.

A' 15 1/2 horas concentração das forças aquarteladas em Aveiro na Avenida Central onde, pelas 16 horas, serão cumpridos os dois minutos de silencio nacional cujo inicio e fim se anunciarão com morteiros.

A' noite e no Teatro Aveirense um espectaculo a favor do projectado monumento aos mortos durante o conflito europeu.